



N.º 117 — Lisboa, 29 de abril

5.^o
ANO
45

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. | Brasil, anno 52 numeros..... 55000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 15000 » | Africa e India Portuguesa, anno. 25000 »
Cobrança pelo correio..... 5000 » | Estrangeiro, anno 52 numeros... 35000 »

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porem de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Annuario Commercial

5, Calçada da Gloria, 5

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

Ordem do dia

G. L.

Poeta, como Gringoire.

Genio e candura.

Ultimo galho, que ainda enflora,
do ramo de Chénier.

Pamphletario como o Barbier
dos Jambos e o Hugo dos Castigos.

Lyrismo apostolico, revolucionario,
humanitarista, liberal, democrata,
demagogo.

Cavalheiresco, mosqueteiro, guerrilheiro,
vagamente heroico.

E' ainda um contemporaneo e é já um antepassado.

Moços macilentos e choramingas,
ó vós todos os que vindes entrando
na vida com uma lyra que vos peza
mais do que um piano de cauda!
Vede esse homem leve, que ahí vai
a fazer molinetes com a bengala —
labio desdenhoso, olho no espaço,
guias ao vento, flammante, petulante,
sibilante, sonoro!

Esse homem é o que nós antigamente
chamavamos — um poeta.



AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indiscentivel, engarrada debaixo de todos os preceitos indicados pela Sciencia.

As garrafas e as ro-lhas usadas no en-garramento da Agua de Meza

Sameiro

São sempre esterilizadas E já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portu-guezas.

Está á venda: em todos os estabelecimen-tos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de 1/2 litro..... 80 rs.
" " " 1/4 litro..... 50 rs.

Deposito geral no Porto:

C. Coverley & C.ª

Boleira, 55, 1.º

Endereço telegraphico—COVERLEY
Telephone n.º 18

Em Lisboa:

Manoel José da Silva

RUA D'EL-REI, 31, 2.º

Telephone n.º 512

Endereço telegraphico—MISSILYA

FABRICA DE CARTAS DE JOGAR de Germano & C.ª

Rua Vasco da Gama, 60, 1.º—Lisboa

Cartas numeradas para os jogos de Whiste, Vol-tarete e Solo. Especialidade em cartas para o jogo do monte.

Descontos aos revendedores

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa
de fabrico
e concertos

FLORINDO

Jóias
com brilhantes

Preços limitadissimos

99, Rua Aurea, 99



Preço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem priméiro visitar este estabelecim ento



Annuario Commercial de Portugal ILHAS E ULTRAMAR

PROPRIETARIO-EDITOR: MANOEL JOSÉ DA SILVA ~ DIRECTOR: CALDEIRA PIRES

DA INDUSTRIA, DA MAGISTRATURA E DA ADMINISTRAÇÃO CONTEUDO: 1 milhão de endereços e informações em todos os ramos e em todas as freguezias do reino

2:360 paginas de texto — 25.º anno

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO 2\$500 RÊIS

BRINDE: Uma nítida planta de Lisboa medindo 0,34 x 0,36

ESCRITORIO
PRAÇA DOS RESTAURADORES
(PALACIO FOZ)



N.º 117 — LISBOA, 28 DE ABRIL

5.º ANO 95

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois d' publicação: 80 réis

Redação e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º
Assinaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 13000 rs.
Cobrança pelo correio..... 3100 rs.
Brasil, anno 52 numeros..... 50000 rs.
Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
Estrangeira, anno, 32 numeros.. 35000 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porem de comecar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CARDEIRO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua 10 Almada, 52 e 54

CARTAZES DA PARODIA OU PARODIA DOS CARTAZES

O CALLICIDA

MARCA REGISTRADA

PREÇO
250^{RS}
A CAIXA

Vou

“UM DIA”

DE
CAMARA

PREÇO
250^{RS}
A CAIXA

NÃO Vou

DAI O BEM - ESTAR A VOSSOS PÉS!

M. Pinheiro

POLITICA MACABRA

Nós não sabemos bem sob que ponto de vista devamos considerar a situação do actual sr. presidente do conselho — se sob o ponto de vista publico e politico, se sob o ponto de vista particular e domestico, por tal forma a encontramos, quer n'um, quer n'outro, verdadeiramente lastimavel.

Não nos move contra o sr. presidente do conselho nenhum sentimento de opposição. Ao contrario, elle não nos inspira, nas actuaes e dolorosas circumstancias em que o vimos disoutindo, senão sympathy, fraternidade, solidariedade, e são justamente estes sentimentos inegociaveis que nos estão no presente momento dictando estas palavras.

A situação do sr. presidente do conselho, quer como homem publico, quer como homem particular é o quer que seja de deshumano que choca por todas as formas os principios da razão e os do sentimento.

Dar a chefatura do poder a um doente já é um acto violento, contra o qual clamaria senão o bom-senso, do qual parece andarmos divorciados, a caridade que nos manda poupar quanto possivel os enfermos ao exercicio de actividades fatigantes. Mas investir nas responsabilidades do poder um enfermo que só o pode exercer em condições sedentarias e obrigar-o á actividade motora é o quer que seja de cruel que nos encheria de indignação, se não nos enchesse de espanto.

O sr. presidente do conselho — isto parece verificado — não pôde andar. Não sabemos de que natureza é a sua enfermidade. Seja ella qual fôr, ella priva-o do uso dos seus membros locomotores. Certamente, a locomoção lhe é penosa, dolorosa, sabe Deus até que ponto! O sr. presidente do conselho tem grande numero de amigos, tantos pelo menos quantos são os individuos do seu partido, assaz numeroso, e tem além d'isso uma familia extremosa, que não cessa de velar pela sua saude delicada.

Pois bem! N'estas circumstancias melindrosas, o que fazem os amigos do sr. presidente do conselho e o que faz a sua extremosa familia?

Obrigam-n'o a andar.

Andar é para sua ex.^a um sacrificio.

Pois bem! Esse sacrificio lhe impõem!

Andar é para sua ex.^a uma causa de afflicção, de dôr, de agonia.

Pois bem! A esse martyrio o submettem!

Os jornaes da semana passada davam pormenores verdadeiramente dolorosos da projectada apresentação

do sr. presidente do conselho na camara dos deputados. Sua ex.^a entraria, não pela porta principal do edificio, mas pela residencia particular do sr. Cabral Metello, onde repousaria um momento. Depois, muito antes de começar a sessão, muito antes de haver deputados no edificio do parlamento, sua ex.^a, auxiliado pelo seu medico e por um creado, encaminhar-se-hia para a sala occupando o seu logar, onde já seria encontrado quando todos chegassem. Fizera-se a experiencia e reconhecera-se que a cadeira da bancada ministerial não estava em condições de ser utilizada para o effeito. Depois de sentado, o sr. presidente do conselho não conseguiria levantar se, por motivo das referidas cadeiras serem providas de molas. Assim, decidira-se supprimir as molas. A' ultima hora, porém, e na previsão de qualquer inesperado precalço, pensara-se em pedir auctorisação á camara para o sr. José Luciano fallar sentado.

Ora, que nome tem isto?

Tortura.

E' possivel que o sr. presidente do conselho tenha numerosos amigos, é mesmo um facto que tem uma familia extremosa, mas é forçoso concordar que tanto os seus amigos, como a sua familia tem uma singular maneira de se lhe mostrarem afeiçoados.

E para quê, para quê esta mobilização cruel, esta deshumana marcha forçada?

Para manter na vida um amigo excellento, um marido e um pae queridos?

Não! afinal, apenas para o manter — no poder!

E' então o poder uma coisa bem abominavel para que assim faça calar os sentimentos mais humanos e delicados?

Nós, perante estes factos, temos a impressão de um verdadeiro attentado contra a natureza e estabelecido o antipathico precedente, não renunciámos a vêr conduzir ao parlamento, não já valetudinarios, mas moribundos; não renunciámos a vêr balões d'oxigenio nas cadeiras do poder; não renunciámos vêr entrar em S. Bento, com o ministério, o Vaticano.

Quem sabe? (as coisas vão tomando essas proporções sinistras) quem sabe se não assistiremos um dia, no seio das instituições parlamentares, ao espectáculo macabro do chefe do governo, seja elle qual fôr no futuro esse martyr heroico, exhalando com o ultimo discurso, o ultimo suspiro?

Tudo é permitido esperar depois dos factos que estamos presenciando.

JOÃO RIMANSO.

A' ULTIMA HORA

A' hora de metter no prelo — se assim nos osamos exprimir — chegam n'os os jornaes com a noticia da sessão de quarta-feira, á qual, como corria, compareceu o sr. José Luciano, e dizemos que essa noticia nos chega pelos jornaes, porque nos foi de todo impossivel assistir á referida sessão, apezar dos esforços que empregamos para nos introduzirmos na sala da camara dos deputados.

Debalde sollicitamos mesmo uma dobradiça. Mesmo as dobradiças estavam de ha muito exgotadas. Ao nosso lado, pessoas angustiadas sollicitavam em vão mesmo um logar de... continuo. Em vão. Tudo tomado!

Descorçoçados retiramos e, para a outra vez, já sabemos o que devemos fazer: não pedimos um logar na galeria — pedimos logo um circulo.

Os jornaes dão-n'os no entanto uma impressão do que se passou.

Oh! não foi bem extraordinario o que se passou! Tudo perde grandeza em Portugal e mesmo o que parece ser commovente, interessante, singular perde commoção, interesse, singularidade.

O que houve de verdadeiramente notavel n'essa sessão foi o facto de o sr. presidente do conselho, que entrara na sala em braços (os jornaes referem que nos braços dos sr. Antonio Cabral e Cabral Metelo) ter declarado que o sr. Pereira de Miranda sahira do ministerio — por falta de saude.

Esta declaração não fez, porém, no seio da representação nacional, a sensação que era de esperar.

A discussão esteve sempre n'um nivel inferior. Apenas o sr. Martins de Carvalho teve um dito: «Recetar o poder como se recitam as attitudens não é constitucional». Este pensamento não teve porém, o preciso desenvolvimento. Gorou.

O sr. Pereira dos Santos fez imaginação, comparou o sr. Pereira de Miranda a uma begonia, chamou-lhe mesmo *edelweiss*. Foi fraco. Deu-n'os mesmo a impressão de ter sido chocho.

O sr. Luciano Monteiro, segundo as *Novidades*, fez um discurso humoristico comparando a sessão a um concerto da orchestra Lamoureux, d'onde se conclue que o sr. visconde de S. Luiz de Braga está prestando verdadeiros serviços não já ao publico, como o affirmam os jornaes, mas ás instituições.

O sr. José Luciano encerrou a discussão promettendo vir á camara o maior numero de vezes que poder, e pedir indulgencia para a sua saude.

N'uma palavra, a sessão foi profundamente melancolica.



O Sr. Pires, estremunhado — Com seiscentos diabos! Ha que tempos a carregar no botão e o demonico da creada sem apparecer!
Se calhar, está surda...

Outra na ferradura!

Criticando um quadro com que o Sr. Ayres de Gouveia concorre á Exposição Nacional de Bellas Artes, e que representa a Sagrada Familia, diz o *Correio Nacional*:



«O Sr. Ayres de Gouveia faz-nos vêr, encostado a um banco de carpinteiro, um moço de olhar duro que escuta o que lhe diz um velho de grande barba branca que diante d'elle se encontra em attitudo de gesticular, e colloca, a um lado, uma mulher já de alguma idade, de expressão tambem dura, sentada no chão, ou num objecto muito baixo, com os joelhos muito separados, e com os cotovelos apoiados nas pernas, como quem medita. Como se vê, nada ha de mais anti-religioso...»

Anti-religioso, se quizerem, mas, sobretudo pouco azeiado. Que scenas d'estas se passem em familia, vá. Mas assim, diante de toda a gente, é um pouco forte!



De mais a mais, havendo na Exposição tantos recantos de paisagem onde meditar á vontade, sem ninguém dar por isso...

O nosso collega na imprensa Sr. Arthur Lobo d'Avila recebeu do Porto o seguinte telegramma a respeito da *première* do seu novo drama, que acaba de subir á scena naquella cidade:

«Principe Perfeito agradou absolutamente ao publico e á imprensa. Felicito. Alves da Silva.»

Os principes perfeitos agradam sempre em absoluto.
Mas são tão raros!

Dando conta das festas da Paschoa na Sé Patriarchal, disseram os jornaes, referindo-se ao Sr. Cardeal Patriarcha, que Sua Eminencia se apresentou com a famosa mitra offerecida á Sé Patriarchal por D. João V; mas aconteceu que em um d'esses jornaes, por qualquer diabrura typographica, houve omissão de algumas palavras no texto da noticia, de modo que nelle se lia o seguinte:

«... Sua Eminencia sahio então do seu camarim, vindo toda coberta de magnificas perolas, topazios, amethistas, saphiras, esmeraldas e rubis...»

Como se fosse cantar o 2.º acto da *Linda de Chamounix*.

Um constante leitor da folha de maior circulação, fazendo algumas judiciosas considerações sobre a necessidade de melhorar os vencimentos dos officiaes do exercito, diz assim:

«Julgo indispensavel o augmento de 50000 réis mensaes no soldo de todos os capitães, tenentes e alferes. Tambem julgo inadivavel a revogação da lei de 26 de Fevereiro de 1892, que estabelece a contribuição geral sobre o rendimento, imposto que de ha muito deveria ter sido abolido, por haverem cessado as circumstancias que o determinaram. Advogar o contrario não será talvez inteiramente justo e, pela minha parte, assim o entendo, embora seja apenas um subalterno...»

Pois sim; mas ha de ser promovido.

Entre as estações de Matto Miranda e Torres Novas foi um comboio atacado por salteadores armados de espingarda, que dispararam contra um conductor, e conseguiram roubar um cofre com dinheiro.

Ao que parece, trata-se de toda uma quadrilha, que por aquellas paragens faz agora seu campo de manobras, havendo suspeitas de que sejam os antigos habitués do Pinhal da Azambuja, que mudaram de poiso, por já não haver ali que roubar senão eleições.



PRIMEIROS PASSOS

- Ai! QUE GRACINHA!!!

- VENHA CÁ, MEU MENINO...
VENHA CÁ...



- Faz tem-tem! Faz tem-tem!

Gustavo Bordallo
1905

Annuncia se a publicação de um grande romance historico intitulado *Os amores de Napoleão*. E' a epopéa do amor, synthese da vida, origem e fim d'ella, atravez da figura lendaria do Imperador: o vencedor de reis, vencido por mulheres; o oppressor dos povos, ludibrio das amantes; o flagello da Europa trahido pelas esposas! E accrescentam os prospectos:

«E' em plena aventura que vivem as personagens d'este romance, enebriadas em amores que perdem, amores que salvam, amores que arrastam á infamia, amores que elevam á gloria, amores que decorrem em tendas de campanha, palacios de monarchas, alcovas de rainhas; amores sublimes e amores corruptos, amores platonicos e amores loucos...»

Só faltou o Dr. Amor de Mello.



Uma tuna de estudantes do Porto tem dado espectaculos, em Faro. Outra, de estudantes de Santarem, foi á Gollégá para o mesmo fim.

A dos alumnos da Escola Polytechnica está fazendo o mesmo na Guarda.

Todos elles muito festejados, muito applaudidos, muito chamados ao palco.

E nenhum chamado á lição!



O Albergue das Creanças Abandonadas vae abrir barraca na feira de Alcantara, com uma rifa.

Quem apanhar um bilhete premiado tem uma creança.



Telegramma da Havas:

«Sevilha, 25. O Rei Leopoldo vae visitar a cidade de Granada, regressando aqui depois d'uma demora de dois dias.

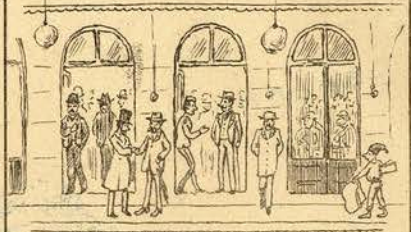
Não é Cléo de Mérode a senhora de notavel belleza que frequentemente acompanha o Rei da Belgica, quem agora vem com elle.»



Quer dizer: já é outra!

P. X. BEQUE.

O MARTINHO



— Vocencias já sabiam que o Martinho forrou a papel?

Peis é verdade! O Martinho forrou a papel.

Aqui ha tempos, passando nós pelo Martinho, vimol o fechado.

O Martinho fechado? pensamos nós. Morreu alguem?

Mas um moço de fretes, vendo nos embasbacados diante das portas fechadas do popular botequim, disseros: Está em obras!



Bravo!
O Martinho em obras! Mas é uma revolução!

Por que transformações irá passar o Martinho?

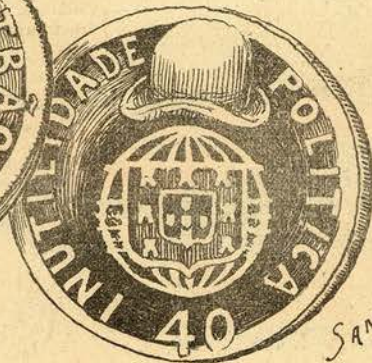
Emfim! Chegou-lhe a vez. Tanto melhor!

Realmente o Martinho estava precisado.

Que diabo! o progresso não é uma palavra e Lisboa progredia. Só o Martinho permanecia estacionario.

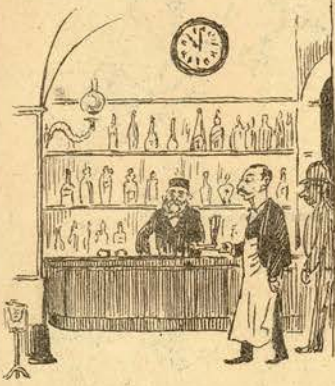
Nós nunca fomos muito fortes em materia de botequins. O café do Avenida Palaoe, que se tentou a titulo de experiencia, foi-se a terra. Ficaram os antigos cafés, mas esses, mais ou menos, speraltaram-se. O Tavares tomou um ar *riche*, o Suisso deitou uma parede abaixo. O Aurea, mais emprehendedor, deitou duas. Agora mesmo, o Leão d'Ouro augmentou a sua colleção de quadros.

O PATACO



Sarcho

Só o Martinho, no meio d'este reboliço, se mantinha inactivo e im-progressivo, com o seu ar de sempre, avelhantado e gasto, os seus espe-lhos de sala de visitas, as suas cadeiras de casa de jantar, os seus crea-dos de bigode, o seu caixeiro de barba de passa-piolho, a sua neve em calices de vinho do Porto e a sua torrada de Meleças.



O Martinho fechou as portas? Bem! E' que o Martinho vae reabrir renas-cido.

Era tempo!

O Martinho é o sitio de Lisboa mais afamado em todo o Portugal

Propriamente fallando, o Martinho não tem grande prestigio em Lisboa. No conceito da cidade, o Martinho cahiu, como cahiu o Vigia e o Antonio das Caldeiradas. Mas na provincia! Na provincia, o Martinho está no seu auge.

Encontra a gente um amigo da provincia em Lisboa, e ao despedir-nos, elle diz-nos sempre:



—Então á noite, no Martinho?

Quando reconhecemos não ser fre-quentadores do Martinho, o nosso amigo fica indeciso e extraviado, como se nós lhe apparecessemos sem paradeiro no labyrintho de Lisboa. Ora, realmente o Martinho não cor-

respondia a estas superstições, Só a sua tradição o tornava supportavel. O seu apparatus exterior deixava bastante a desejar. Não era licito, mesmo para o espirito fascinavel da provincia, achar o Martinho deslumbran-te. Alguns forasteiros tinham mesmo feito reparos. O Martinho — esta é a verdade — ameaçava comprometter o prestigio da cidade.

Fechou.

Lá por dentro, artistas, decorado-res, pintores, estuadores, pedreiros, marceneiros, serralheiros, dourado-res, estofadores trabalhám febrilmente, destruindo o velho Martinho e levantando em seu logar o Martinho novo.

Não mais os odiosos arcos de pe-dra, com os seus pilares de quatro faces, forrados de espelho, onde se reflectiram gerações de bebedores de café!



Não mais as vastas, duras, maci-sas mezas de mogno, onde uma cha-vena de café pousada no rebordo era o quer que fosse de solitario e triste!



Não mais o gabinete dos misan-tropos, com as suas cadeiras encos-tadas ás paredes hostis, esperando os homens que vão olhar para fóra com rancor, mordendo o castão da bengala!



Não mais a sala da neve, onde as familias que saham de D. Maria, de algum drama honesto de Feuillet, iam, córadas de pejo e mettendo os pés para dentro de confusão, pedir ao borborinho da vida social um sor-vete de leite! Oh! a antipathica sala! Nunca a hypocrisia dos costum-es encontrou um logar publico de maior representação!



Emfim! não mais o antiquado, o archeologico, o archaico bife, não mais a monotona torrada, não mais o insipido copo d'agua, não mais o improductivo palito e no logar d'es-tas coisas vetustas e bolorentas, — vida nova, novos symbolos, novas representações, novos attractivos, novos encantos, novos bifes.

.....
A vida é cheia de illusão, como diz o sr. Silva Gaio.

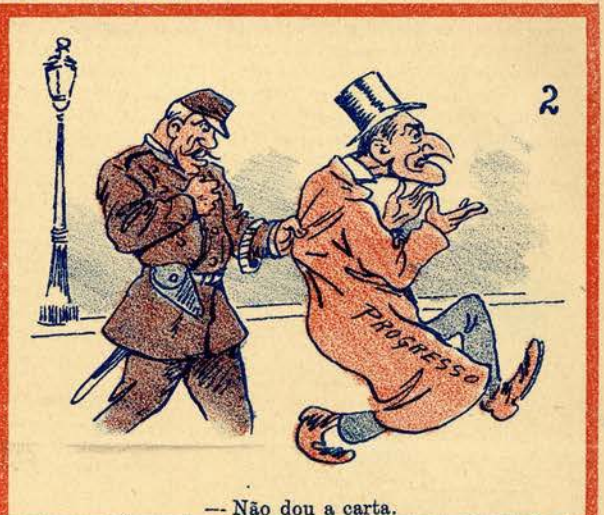
Afinal, o Martinho forrou a papel. Fomos vél-o. Forrou a papel bran-co. Parece que está em mangas de camisa.



LIBERDADE DE IMPRENSA



— Dê cá a carta, senão...



— Não dou a carta.



— Homem! dê cá a carta, senão...



— Vae p'ró xelindró!...



— Dê cá a carta, já disse...



— Então? Deu ou não deu a carta?

UMA ESTREIA POUCO AUSPICIOSA

TYPOGRAPHIA

DO

Annuario Commercial de Portugal

PROPRIEDADE

DE

MANOEL JOSÉ DA SILVA

—♦♦♦—

Iluminação e força motriz por electricidade

Impressões em tinta de copiar

Transportes, ouro e prata

Impressos para as repartições de Fazenda,
Camaras Municipaes, Companhias de seguros,

Emprezas de navegação, etc.

Bilhetes de visita,

facturas, bilhetes de loja, recibos,

talões, apolices, quotas,

participações de casamentos, conhecimentos, etc.

—♦♦♦♦♦—
ESPECIALIDADE EM ROTULOS DE PHARMACIA

E

OBRAS ILLUSTRADAS

—♦♦♦—

5—CALÇADA DA GLORIA—5

LISBOA

